

RIF

entre

entrevista

entrevi

evista

RIF Entrevista

Câmara Cascudo e os 60 anos do *Dicionário do Folclore Brasileiro*

Élmano Ricarte de Azevêdo Souza¹

Beatriz de Paiva Lima²

Maria Erica de Oliveira Lima³



A obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo completou 60 anos em 2014. A Revista Internacional de Folkcomunicação recorda, em entrevista, o aniversário desta bibliografia, cuja importância dar-se como uma referência sobre a cultura brasileira e

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação, Universidade Católica Portuguesa – UCP . Membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação - Rede FOLKCOM.

² Estudante do Curso de Comunicação Social, - Radialismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Doutora em Comunicação Social, pela Umesp. Presidente da Rede de Pesquisadores em Folkcomunicação (2013-2015).

global e é, além disso, uma das bases para o pensamento Folkcomunicacional de Luiz Beltrão e os estudiosos deste pensamento. A entrevistada é Daliana Cascudo, neta do autor do livro e diretora do LUDOVICUS - Instituto Câmara Cascudo (aberta à visitação ao pública em janeiro de 2010), localizado no município de Natal, estado do Rio Grande do Norte (Nordeste brasileiro). Conhecer um pouco da vida particular e sua forma de observar o folclore é tentar descobrir como é construída esta obra sexagenária e quais os ingredientes e o ambiente de produção de seu autor.

Esta entrevista ocorreu em setembro de 2014, na cidade do Natal, e contou com o apoio da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação – REDE FOLKCOM e do Laboratório de Comunicação, do Departamento de Comunicação Social - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O LUDOVICUS Instituto tem um importante trabalho pela frente com o objetivo de preservação e divulgação do patrimônio cultural de Luís da Câmara Cascudo. Quais são os projetos de atuação que o Instituto tem para disseminar esse conhecimento?

Daliana Cascudo: a finalidade principal do Instituto é exatamente a preservação a divulgação da obra de Câmara Cascudo, que ela não morra, que ela esteja sempre muito viva. E também enquanto instituição fomentar pesquisas a partir do que ele deixou, de sua obra. Então, o primeiro grande projeto que a gente realizou foi a digitalização da sua correspondência. Esse projeto abrangeu três anos de trabalho e digitalizou 27 mil cartas dos mais diversos estudiosos não apenas brasileiros, mas também de fora do país, que ele se correspondeu durante toda a sua vida. É um acervo disponível para pesquisa no Instituto e que já está fomentando muitas pesquisas.

O instituto conta com algum apoio do poder público ou privado ou alguns patrocinadores?

Daliana Cascudo: não, o Instituto é totalmente privado, nós funcionamos totalmente sem vínculo nem patrocínio de nenhuma esfera municipal, estadual ou federal. Temos um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a UFRN, uma parceira em relação principalmente a publicação de obras de cunho local de Câmara Cascudo. A gente edita todas

através da editora da universidade e também somos objeto de pesquisa do pessoal dos cursos de letras, história, de vários cursos... Mas não temos nenhum tipo de patrocínio e corremos atrás de todos os projetos culturais e editais de cultura como todos que estão dentro dessa área.

E como estão as visitas das escolas públicas aqui de Natal? Há parcerias para que os alunos vão sempre visitar o instituto, como funciona?

Daliana Cascudo: apesar de sermos uma instituição privada e a gente cobrar um pequeno - ingresso até para a manutenção da nossa própria estrutura - desde o início da abertura do instituto para a visita, dia 5 de janeiro de 2010, temos sempre por princípio, não cobrar de escola pública e nem de projeto social. A gente tem uma visita muito maciça de escolas, seja pública ou privada... os professores levam muito os alunos para conhecer Câmara Cascudo, a sua obra, a casa! É sempre um motivo de curiosidade muito grande! Eles sempre se deslumbram, porque é uma casa muito antiga e podem presenciar coisas que hoje não têm mais acesso, não conhecem. É muito interessante essa experiência desse aluno que vai nos visitar e que vê sempre um pouquinho mais, e conhece um pouquinho daquele conterrâneo tão famoso dele que, às vezes está tão longe, e que eu acho que a visita aproxima muito deles.

É importante essa divulgação e essa visita para incentivar ao próprio natalense, desde criança, a partir para o mundo da literatura e investigação na sua própria cultura popular.

Daliana Cascudo: a nossa decisão de abrir a casa à visita como instituição, apesar da cidade já ter várias instituições com o nome dele: Memorial Câmara Cascudo, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, o museu da universidade, que se chama também Câmara Cascudo... Mas nós da família, sentimos muito a necessidade de abrir a casa, porque ela tem uma coisa privada, uma coisa de intimidade do escritor que as outras instituições não têm. A gente achou muito importante mostrar isso para as pessoas, entrar num ambiente que era a biblioteca dele e encontrar paredes, portas, janelas todas assinadas, é uma coisa que você não encontra em canto nenhum. Ali é um grande painel da literatura brasileira, da cultura brasileira. Quem o visitava ele pedia para assinar o livro de visitantes. Ele constrói para a gente

um panorama da cultura brasileira ali naquelas paredes. Você encontra assinatura de Heitor Villa Lobos, Gilberto Freire, Clarival do Prado Valladares... Então, é um painel gigante do que aconteceu, de quem habitou aquela casa, dos relacionamentos dele. Estiveram todos ali, privaram da confiança dele, da amizade, tiveram um relacionamento muito estreito com ele. É um depoimento vivo que está ali naquelas paredes. A casa toda a gente sempre deixou, não com aquela feição do museu, aquela coisa artificialmente construída, procurou deixar “a casa dele”, para que o aluno visse a cadeira de balanço onde ele fumava o charuto, o quarto, a rede, os porta-retratos, aonde ele escrevia à máquina. Tudo exatamente do jeito do gabinete de trabalho dele e com três santos imensos na frente. As pessoas acham até estranho: “e era assim?”, mas era exatamente assim. Tentamos deixar ao máximo fidedigno possível pra você ter essa experiência de ver o ambiente em que ele produziu. Ele morou nessa casa, que hoje é o instituto, por quase 40 anos, então, tem muito dele naquela casa.

O Instituto está sempre aberto à visitação com uma lojinha e livraria das obras de Câmara Cascudo. Isso também ajuda a manter o Instituto...? Como é esse desafio?

Daliana Cascudo: teimosia! A gente é um Instituto privado e as nossas fontes de renda são o nosso ingresso: R\$ 3,00 e R\$ 1,50 estudante; escola pública não paga nem projeto social. Então, na lojinha, estão todos os livros reeditados dele, produtos, *souvenirs etc.* Era uma coisa que me incomodava muito quando as pessoas chegavam e diziam: “eu não encontro um livro de Câmara Cascudo para vender nas livrarias... eu não encontro... eu não vejo”. Lógico, isso vinha também advindo do fato de que a obra não estava reeditada. A obra começou a ser reeditada pela Global nos anos 2000... Então, realmente, antes era uma dificuldade! Eu queria muito concentrar que a pessoa chegasse ao local e encontrasse pelo menos uma grande parte dessa obra. A gente consegue, na nossa lojinha, manter muitas coisas e a nossa ideia é que quando nos visitem, levem alguma coisa de Câmara Cascudo... uma lembrança, uma coisa que o recorde... pode ser um livro, mas pode ser também a canetinha, uma coisa bem singela... a canetinha com a assinatura dele. Isso para que você, quando volte ao seu local de origem, leve aquela lembrança e suscite nas pessoas “quem é essa pessoa Câmara Cascudo?” Então, está levando ele também para fora. Nossa ideia é essa: tornar sempre esse nome conhecido; que as pessoas saibam quem foi Câmara Cascudo... quem é, qual sua obra.

Há inclusive um vinho com o nome dele, não é?

Daliana Cascudo: É uma homenagem muito bonita, é um vinho da Quinta do Portal, Porto (Norte de Portugal). O vinho se chama *Câmara Cascudo* e foi muito interessante, porque é uma edição limitada: são 200 garrafas com efígie dele. Ele que gostava tanto de vinho, da própria cachaça brasileira, e como há o livro “Prelúdio da Cachaça”, eu acho que Cascudo ficaria muito admirado de ver o seu rosto estampado em um vinho. Era uma relação muito estreita com Portugal, eram grandes amigadas lá. Interessante é que quando a proposta desse vinho foi feita, foi prontamente aceita, por haver esse relacionamento, apesar de todos esses anos passados. Dentro do vinho, vai um pequeno livreto explicando um pouco e com um texto dele maravilhoso, onde ele diz: “porque o português não é estrangeiro”! Quer dizer, para ele, Portugal e Brasil eram nações irmãs. Ele salienta muito essa relação e deixa isso muito claro.

O Instituto é aberto a toda a sociedade, a pesquisadores nacionais, locais e também internacionais?

Daliana Cascudo: o acervo de correspondências dele, por exemplo, está disponível para pesquisa lá no Instituto. E por questões de direito autoral das cartas elas não podem ser disponibilizadas pela internet. A gente tem um site com uma mini biblioteca virtual com entrevistas, com muitos dados inéditos dele, disponíveis no endereço www.cascudo.org.br. Mas a gente procura atender e estender o nosso material de pesquisa a todos os pesquisadores via e-mail. Atendemos a muitas solicitações que são feitas de pesquisas de fora do país também, através de e-mail. O que é possível enviar, enviamos. Um exemplo muito interessante é que recebemos um pedido de uma pesquisadora em Roma (Itália), que estuda sobre Ermano Stradelli, e o foco principal da investigação dela é um livro publicado por Câmara Cascudo em 1936, o qual é muito pouco conhecido pelos estudiosos cascudianos, intitulado “Em Memória de Stradelli”. Ela entrou em contato com a gente para saber se tínhamos no acervo mais dados para embasar essa obra e o que pudemos enviar, encaminhamos. Outra pesquisadora do Museu do Dundo, de Angola (África) também entrou em contato conosco para complementar uma pesquisa dela, na qual Cascudo aparecia quando

esteve na África em 1963. Então, a gente procura atender a essas solicitações abrindo um pouquinho o nosso acervo e por e-mail e também pelos contatos feitos pelo nosso site.

Câmara Cascudo fazia aqueles contatos internacionais e ele não era uma figura local ou nacional, havia os contatos internacionalmente, e isso continua, permanece, não é?

Daliana Cascudo: isso permanece! Ele fazia isso através das cartas, tão bem fazia que o acervo tem 27 mil correspondências. Você vê a teia imensa de relacionamentos e de pesquisas que ele conseguiu traçar por essas correspondências. Hoje a gente tem um aliado, um pouco mais abrangente do que a carta, que é a internet, os e-mails, redes sociais e tudo isso. Procuramos estender esse relacionamento através de todos esses instrumentos e tornar o acervo e a pesquisa democráticos. É um rendimento muito interessante, porque abre o leque do Instituto para que as pessoas interajam com a gente. Eu acho muito legal esse *feedback* que a gente recebe. Além do nosso site a gente está no *Facebook*, no *Twitter* “instcascudo” e também no *Instagram* com “institutocascudo”. Participamos de todas essas redes e escutamos muitas coisas, muitas perguntas e muitas dúvidas interessantes são tiradas através dessas redes sociais. Eu acho muito interessante como, às vezes, as pessoas fazem a avaliação por uma imagem. A gente coloca uma foto dele e as pessoas dizem assim “mas ele era tão formal” e na verdade não era, era exatamente o contrário disso e aí a gente explica que antigamente as fotos eram mais posadas, que era uma coisa mais formal. As fotos não eram digitais, as pessoas tinham que posar para a foto, tinha outra dinâmica da história da fotografia. Ele era aberto, ele recebia todo mundo... Você desmistifica algumas coisas assim e eu acho que aproxima também a figura humana dele. A gente se preocupa também em mostrar a intimidade das fotografias dele recebendo as pessoas, relações de amizade, essas fotos chamam muito a atenção das pessoas.

Aproveitando esse ponto da intimidade, como foi a relação com o avô, Câmara Cascudo?

Daliana Cascudo: foi interessante, porque vovô só teve dois filhos, mamãe Anna Maria e meu tio Fernando. Meu tio, logo cedo viajou, foi para Recife, era jornalista, e fez a carreira toda fora, trabalhou muito na Rede Manchete, na TV Manchete, na Revista também... E mamãe

casou e ficou morando na casa de vovô. A nossa relação “netos”, somos três, eu, meu irmão Newton e minha irmã Camila, não foi uma relação daquele avô que você visita, que é uma relação normal de avô... era um avô que você convivia diariamente, nós convivíamos diariamente com ele, dentro da casa dele, morando naquela casa que era nossa casa também. O interessante é que ele dizia uma coisa que resume tudo isso, que: “pai era para educar e avô era pra deseducar”. Essa “deseducação” ele usava com a gente totalmente. Tudo para gente, no bom sentido, era permitido. Tudo! Na biblioteca dele que era o ambiente de trabalho, os filhos não podiam entrar, porque ele estava produzindo, ele estava trabalhando. Então minha avó que era muito cuidadosa com ele, era um verdadeiro anjo da guarda em relação a tudo, de certa forma, preservava aquele ambiente de trabalho para que ele produzisse e os filhos não o incomodassem nessa hora e nós netos acabamos com isso totalmente. A gente entrava, a gente brincava, meu irmão levava carrinho, eu levava boneca, era uma bagunça geral. A gente estudava no gabinete de trabalho dele. Era uma relação de muita cumplicidade. Era muito engraçado que vovó normalmente não queria que ele comesse chocolate. Ela dizia: - “olha a glicose” ... E ele escondido chamava meu irmão e dizia: - “Newton, vá comprar chocolate pra mim, mas escondido, não deixe sua avó ver pelo amor de Deus”. E, aí, Newton ia escondido normalmente de vovó: - “foi pra onde?”; “ali comprar um chocolate”, ele dizia. E na volta dessa compra esse chocolate era dividido entre nós, ele e os netos. Era muita cumplicidade realmente, uma relação muito amorosa e eu me sinto muito privilegiada por isso.

Como é que tudo isso lhe influenciou enquanto pessoa e enquanto futura administradora dessa casa?

Daliana Cascudo: é engraçado, porque eu digo muito que tomei um choque muito grande quando percebi que Câmara Cascudo era vovô. Muito grande! Porque apesar de ver e conviver diariamente com essa realidade dele, quer dizer, vendo ele recebendo homenagens, lançando livros em casa, mas eu cresci com essa rotina, então talvez na minha cabeça de criança todo avô fosse assim. Mas, ao entrar na adolescência, eu comecei a escutar no colégio os professores comentando: - “Câmara Cascudo, o maior folclorista do Brasil”; “Câmara Cascudo historiador” e eu me choquei muito porque era vovô aquela pessoa e eu gosto muito de dizer que se existe nele “um anti-herói” e “anti-intelectual”, porque ele não se encaixava naquele

protótipo do intelectual distante, que não interage normalmente com as pessoas, que está sempre muito absolto na sua própria pesquisa e trabalho, que normalmente é orgulhoso e se acha muito superior... ele era o contrário de tudo isso, ele interagiu muito com as pessoas, ele fazia pesquisa de campo. Se ele achava que escreveria um livro sobre jangada, ele tinha que conversar com o jangadeiro, ele tinha que ir lá olhar a jangada. Então ele foi muito precursor nisso, ele atendia tudo e todos. Esse “anti-intelectual” foi muito interessante para mim, porque além da figura humana, descobri aquele potencial todo, aquele universo de livros. Logo, comecei a ler os livros dele, e discutir, e conversar, pra mim foi muito rico juntar essas duas pessoas, esse intelectual junto com vovô.

Há alguma obra que seja especial, que lhe traga algo mais especial por lê-la?

Daliana Cascudo: a obra que eu tenho uma predileção muito grande é pouco comentada, porque foge do tema cultura popular ou folclore, que é “Civilização e Cultura”. Eu acho uma obra fenomenal! No subtítulo, ele coloca “etnografia geral” e é realmente! Se você parar para pensar, uma obra onde ele fala desde a pré-história do homem. Ele discute sobre o campo, a dança a linguagem, a casa, o abrigo, a propriedade. Eu destaco muito que nessa hora o “folclorista” é sufocado um pouco pelo “etnógrafo”, que era como ele gostava de se denominar. Ele gostava muito da palavra etnógrafo, não gostava da palavra antropólogo, nem de sociólogo: - “eu sou um etnógrafo”, ele se definia dessa forma. E eu acho que essa obra é um pouco relegada, porque o folclore é tão rico, a quantidade de obras é tão rica, mas o “Civilização e Cultura” é um livro fenomenal.

E ainda há muitas publicações que vão ser feitas, em parcerias com editoras como a universitária, como está essa relação?

Daliana Cascudo: existe ainda muita coisa para ser publicada. No site, a gente tem um levantamento de obras dele que normalmente se dizia: - “são 100 obras...são 150”, mas já chegamos a mais de 200 obras com um levantamento de tudo o que ele tem. Então, com a Global Editora, desde o ano 2000, a gente tem um contrato. A intenção é reeditar toda a obra de Câmara Cascudo. Já há quase 40 obras publicadas pela Global e, pela Editora da UFRN, a

gente edita obras de cunho local, que a global não lançaria nacionalmente, como “História da Cidade do Natal”; “Nosso Amigo Castriciano”; “Vida breve de Auta de Souza”. A dificuldade maior é a produção dele que é muito grande. Quando a Global nos pede a sugestão de um título, a gente manda 20. A editora não pode só publicar Câmara Cascudo, mas a ideia é que a gente consiga publicar toda a obra dele, reeditar toda a obra dele, tornar todas as obras acessíveis. O último lançamento é um livro extremamente relevante e muito diferente: “Prelúdio e Fuga do Real”; foi lançado no dia 30 de julho de 2014. E já são 28 anos de encantamento dele, como ele dizia, e nós o lançamos, numa parceria Global e Editora da UFRN. Foi um trabalho feito realmente a quatro mãos. Nessa obra, ele dialoga com personagens históricos, mitológicos, alguns literários, e, nesses diálogos, ele discute a obra da pessoa, ou a teoria; Maria Madalena, Dom Quixote de la Mancha... Nós temos muita coisa a publicar dele ainda, mas a culpa é dele que produziu muito.

Se ele fosse vivo, como é que ele seria? Hoje nós temos um meio de comunicação muito mais ágil, que é a internet, para aquela troca de cartas que ele fazia e para manifestar suas ideias...

Daliana Cascudo: eu acho que ele estaria muito antenado. Talvez com um blog lançando mil artigos diariamente. Veja que na época, ele produzia uma famosa coluna chamada “Ata Diurna” em um jornal local. Eram artigos que ele falava exatamente sobre as coisas do cotidiano. Talvez tivesse usando essas ferramentas e disseminando também. Ele dizia muito que a inteligência é uma capacidade de adaptação. Acho que ele se adaptaria muito bem às coisas e as usaria para disseminar tudo que ele estudou. Acredito eu que estaria totalmente adaptado.

Atualmente, como é que você vê esse pensamento de Câmara Cascudo, base para tantas pesquisas? Como é que você vê isso dentro das universidades brasileiras? É muito difundido? Qual a sua avaliação?

Daliana Cascudo: demorou muito para a universidade, de certa forma, voltar o seu olhar para Câmara Cascudo. Ele foi um dos fundadores, juntamente com o professor Onofre Lopes, da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Onofre dizia muito que existia no estado uma universidade anterior a UFRN que se chamava “Câmara Cascudo”. E, em 1959, o discurso inaugural da UFRN é proferido por Câmara Cascudo. Ele dá aquele atestado, aquela certidão de nascimento da universidade. Graças a Deus, de uns anos para cá, houve inclusive a implantação do Núcleo de Estudos Câmara Cascudo, um núcleo multidisciplinar muito necessário, porque o pensamento dele está dentro de tudo. Você pode estudá-lo sobre o prisma da História, das Letras, até em Arquitetura ele já foi parar. Já tem um estudo baseado no “História da cidade do Natal” sobre a parte arquitetônica. Ele dialoga com muitas áreas e o núcleo congrega estudiosos de várias áreas, todos que estudam sobre Câmara Cascudo. Acho que agora a gente está num momento muito bom, o Instituto tem grandes parcerias não apenas com a UFRN, mas também, com o Núcleo de Estudos Câmara Cascudo. Procuramos muito com essas parcerias firmar mais essa pesquisa e essa difusão da obra cascudiana. Diz-se que Câmara Cascudo foi um descobridor do Brasil e a gente vê que é preciso ainda descobrir muito dele e de sua obra.

Quais são os desafios que a gente pode ter nessa perspectiva da investigação com o apoio em Câmara Cascudo?

Daliana Cascudo: eu acho que há imensos desafios como o próprio acervo dele que a gente digitalizou toda a correspondência. Temos ainda outro caminho grande de digitalização que podem suscitar muitas pesquisas a respeito não apenas dele, mas da própria cultura brasileira, da própria construção dessa cultura. A Global publicou um livro em 2011, foi inclusive vencedor do Prêmio Jabuti, o maior prêmio de literatura brasileira, na categoria Teoria e Crítica Literária. Essa obra nada mais foi que a correspondência dele e de Mário de Andrade que dialogaram durante 20 anos, de 1924 a 1944. Ao ler esse livro, você nota não apenas as duas personalidades, os dois como amigos, que trocam confidências de suas vidas, do que está acontecendo, mas também dos dois como escritores, do que estão produzindo. O conceito de cultura brasileira começa a se delinear naqueles diálogos, o conceito da identidade cultural brasileira vai se construindo ali. Lógico, não apenas no diálogo dos dois, mas no de diversos intelectuais. Mário diz em uma das cartas que “precisamos falar uma língua brasileira” e Câmara Cascudo também se coloca muito na valorização do nosso *folklore*, dos costumes, dos

hábitos. A gente hoje tem isso muito claro, mas naquela época não era tão claro assim, isso precisou ser afirmado, ser construído. Nós ainda temos muita coisa a digitalizar, material de pesquisa, originais datilografados dele. É um material que pode suscitar muita pesquisa. Muita coisa ainda será gerada a partir do acervo de Câmara Cascudo.

Parafraseando Paulo Freire, estudar Câmara Cascudo é “sulear”?

Daliana Cascudo: A gente se descobre muito nesse estudo de Câmara Cascudo. Numa entrevista ele disse algo muito interessante, primeiro ao ser perguntado sobre “por que escolheu estudar o folclore?”. Ele responde: - “eu não escolhi o folclore, o folclore me escolheu”. A curiosidade que ele tinha e que começou a suscitar nele: - “por que o aboio é cantado dessa forma? Por que o cantador de viola faz esse desafio? De onde veio isso? Por que gato preto dá azar? Por que passar debaixo da escada também não pode passar”? Então, todas essas coisas despertaram nele uma curiosidade. Não apenas ele mostra muito quem nós somos, mas também afirma, como ele fez no discurso de inauguração da UFRN, que a gente precisa valorizar essa nossa cultura, porque ela é bela, porque ela é maravilhosa, mas principalmente porque é nossa e a responsabilidade de valorizá-la é nossa.

Você acha que naquela época ele teve um certo desafio de enfrentar essa barreira que seria um certo preconceito científico? E como é que hoje em dia esse preconceito a gente está vencendo? Como é que você vê essa perspectiva antes e agora?

Daliana Cascudo: ele começou a estudar o folclore na década de 20. Apesar do primeiro livro ser de 1921, “Alma Patrícia”, que era crítica literária, na verdade, a primeira obra dele considerada folclore é de 1939 chamada “Vaqueiros e Cantadores”, mas antes ele já vinha estudando e coletando material. Ele foi professor da Escola Estadual Atheneu, foi aluno, foi professor e diretor. Era a grande escola da elite natalense da época. Quando ele começa a estudar o folclore, que era absolutamente “não-estudado” e não tinha nenhum tipo de cunho acadêmico, havia também um preconceito ligado ao fato de serem “coisas do povo” e essas histórias do “povo” significam que não eram dignas de estudo, nem muito menos, de estudo acadêmico. Um dia, um colega professor do Atheneu pede ao diretor a demissão de Câmara

Cascudo. Agora o motivo da demissão dele é que é o bom: ele estava falando aos alunos, que eram da aristocracia potiguar, sobre Bumba-meu-boi, sobre o Saci e sobre o Catimbó. Você imagine uma pessoa conversando sobre catimbó em 1928, não tinha condições de jeito nenhum. E ele não é demitido e continuou conversando, logicamente, sobre tudo isso, que eram as suas pesquisas. Ele desbrava um caminho do estudo que não existia. Ele diz, numa entrevista já posterior, já mais velho, que “abriu a primeira picada no mato” e é verdade. As pessoas, os posteriores pesquisadores poderiam até concordar ou discordar dele, tinham esse direito obviamente. Mais que esse caminho, ele tinha esse mérito, orgulhava-se disso. Então você vinha nele, concordasse ou não, mas ele o tinha aberto. É muito sintomático, é muito simbólico isso dele de dizer que “abriu a primeira picada no mato”, quer dizer, hoje a gente tá aqui discutindo Folkcomunicação porque esse homem lá atrás mexeu nesse “vespeiro” todo e abriu esse caminho para esse estudo.

E por falar de Folkcomunicação ele, de certo modo, foi um incentivador ao Luiz Beltrão, que defendeu sua tese na Universidade de Brasília, em 1967, sobre a teoria da Folkcomunicação...

Daliana Cascudo: e é interessante como eles tinham uma relação de amizade. O Luiz Beltrão trabalhava com um amigo muito dileto dele que era Nilo Pereira, e envia para ele o trabalho e Cascudo incentiva muito Beltrão. Os caminhos se encontram, ele o incentiva muito a produzir isso. Ao pesquisar esse acervo de correspondências que está no Instituto Câmara Cascudo, eu encontrei um dado interessantíssimo! São quatro cartas. Esse acervo está em construção ainda, mas há outras cartas de 1944, 1964, 1968. Essa última é uma carta de 29 de janeiro de 1968, ele explica o que é a Folkcomunicação a Cascudo e diz: - “eu estou pegando a minha tese e ela vai virar um livro”. E nada mais foi do que o livro basilar “Comunicação e Folclore”. No acervo da biblioteca do Instituto, a gente encontra as seguintes obras de Beltrão: “Os Senhores do Mundo”, de 1950, “Itinerário da China”, de 1959 e o próprio “Comunicação e Folclore”, de 1971, e todos com dedicatórias lindas para Cascudo. Havia uma relação de amizade e de influência também, Câmara Cascudo já era na época um folclorista reconhecido e o incentiva: - “esse estudo vale a pena, você precisa publicar isso”, e eles dialogam sobre isso.

Cascudo já era um pouco estudioso de Folkcomunicação sem saber, ele pesquisava os significados do aboio, os significados do gato preto, do catimbó... e traz muito disto no *Dicionário de Folclore Brasileiro*.

Daliana Cascudo: essa era a preocupação dele: “isso é nosso, então é responsabilidade nossa e não do forasteiro, que a gente se aproprie disso”. Há uma “Ata Diurna” dele também muito interessante sobre a feira. Ele coloca a feira como um local de pesquisa. Acredito que essa ata seja da década de 40. Ninguém conseguia ver numa feira nessa época uma fonte de pesquisa como ele via. Ele se antecipa muito a isso que a gente vivencia hoje. Ele incentiva muito a Beltrão, porque como ele também tenha enfrentado alguns preconceitos para começar esse estudo. Foi muito importante ele ter tido de Câmara Cascudo esse incentivo na época, os dois conseguiram dialogar para construir para essa obra e para a teoria da Folkcomunicação avançar.

Como é que a senhora acha que se sentiria Câmara Cascudo ao ver que sua obra ganha tanto espaço para o campo da comunicação quanto para outras pesquisas?

Daliana Cascudo: eu acho que Cascudo ficaria extremamente feliz principalmente em ver que toda essa “picada no mato” que ele abriu rendeu frutos. E ver também como ela dialoga com outras áreas, que é exatamente o que a Folkcomunicação faz. Ele focou muito nisso no trabalho dele, porque, o “Dicionário do Folclore Brasileiro”, que este ano completa 60 anos de edição, é uma obra folkcomunicacional muito forte. Na mesma hora que ele está falando da superstição, ele está falando da alimentação, do dormir, dos autos, do significado do catimbó, da religiosidade, do que a gente diz da literatura oral. Então, o Dicionário faz essa panorâmica toda e traça um diálogo muito interessante entre as áreas. E está muito antenado, e está dentro do espírito da Folkcomunicação. Ele ficaria muito satisfeito com o ramo, com o rumo que a gente está tomando atualmente.

São 60 anos de uma obra muito citada no meio acadêmico.

Daliana Cascudo: a primeira edição do Dicionário foi de 54 e ela teve 12 edições no decorrer desses anos todos e agora a gente está indo para a décima segunda edição. Então, para marcar essa data a gente pensou, junto com a Global Editora, e convocamos depois outras instituições para pensarem junto com a gente também como comemorar essa data. A primeira providência foi o estabelecimento de um concurso nacional de ensaio que tem como tema: “A Cultura Popular na obra de Câmara Cascudo”. É um prêmio em dinheiro, obviamente, com a publicação desta obra vencedora através da Editora Global. Junto com esse concurso também foi lançada uma iniciativa com a Academia Norte-riograndense de Letras, um concurso para estudantes de escola pública e/ou privada, também falando sobre a cultura popular, Câmara Cascudo e o Dicionário. Tanto o aluno vencedor recebe um prêmio como o professor que o orientou.